

O COLÉGIO DA BAHIA E O PROJECTO EDUCATIVO DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL COLONIAL

Fernanda Santos

Doutoranda em História na Universidade Federal de Santa Catarina

fercris77@gmail.com

1. Introdução

Nesse trabalho se pretende analisar de que modo o Colégio da Bahia funcionou como uma parte do projeto global da Companhia de Jesus e como um dos seus centros nevrálgicos. A aposta da Companhia na educação foi o grande meio para inculcar uma nova consciência e formar um novo homem, fundamento de uma nova civilização.

Historiograficamente, poucas obras fazem referência ao Colégio da Bahia, e aquelas que o referem, fazem-no de modo superficial. Não há um estudo de fundo sobre o Colégio e o seu currículo de estudos. Na base dessa pesquisa estão as obras de Jorge Couto¹, Serafim Leite² e Charles Boxer³. A autora Beatriz Franzen⁴ é também uma referência no estudo dos colégios no Brasil e da ação missionária dos jesuítas e Dauril Alden⁵ estudou o império e a atividade dos jesuítas entre os séculos XVI e XVIII.

Os resultados do Colégio, que formou, entre outras ilustres figuras⁶, o padre Antônio Vieira, o posicionam no quadro de uma cultura elevada. Há que ter sempre em conta que a pedagogia jesuítica foi decisiva na formação de Antônio Vieira, e o domínio de conhecimentos transmitidos no Colégio da Bahia em muito ultrapassava os limites da esfera espiritual e religiosa⁷. O Colégio faz parte do projeto do Quinto Império auspiciado por Vieira, um império universal e espiritual, dando destaque aos Jesuítas como mentores espirituais⁸.

Essa idéia faz sentido entendida à luz de um dos principais objetivos dos inicianos, manter-se na vanguarda da ciência e da erudição, proporcionando uma saída académica para as descobertas científicas, geográficas e culturais que circulavam continuamente entre os jesuítas colocados na Europa, Ásia, África e Américas⁹. A realização do Quinto Império não tem um espaço geográfico definido por Vieira, o limite era o mundo e o líder seria o soberano português¹⁰.

O caso de Vieira é, aliás, paradigmático do ensino ministrado no Colégio da Bahia. Se Vieira teve oportunidade de viajar e procurar afirmação na Europa, sua formação foi toda ela feita no Brasil, na Bahia, onde revelou seus talentos oratórios naquela que era a capital da colônia portuguesa em terras de Vera Cruz¹¹. Era o perfil da Ordem de Santo Inácio de Loyola, vocacionada para a ação concertada em vários cenários de missão e para o investimento na formação intelectual de seus membros, que predispunha os Jesuítas a serem os pioneiros do esforço de realização da utopia da universalização do Cristianismo. Como afirma José Eduardo Franco, esse mito faz parte da história da afirmação da identidade, da autonomia, da expansão da nação portuguesa, uma utopia luminosa que mobiliza a sociedade portuguesa para pugnar pelo cumprimento das grandes tarefas nacionais. Este ideário utópico constitui um dos elementos estruturantes da ideologia dos Descobrimentos, marcando a mentalidade e a cultura portuguesas¹². Segundo o mesmo autor, esse caráter distintivo atribuído a Portugal entre as nações da Cristandade europeia decorre de suas realizações na expansão portuguesa para além das fronteiras europeias. Portugal é entendido, nesse processo de mitificação, como uma farol-vanguarda da Europa cristã¹³.

Inácio de Loyola visionou a construção de uma companhia moderna de grandes dimensões, activa e móvel, embora não o tivesse expressado nestes termos. O produto final das *Constituições* jesuítas inclui ideias das três tradições monásticas anteriores (beneditinos, franciscanos e dominicanos), mas num modelo radicalmente diferente. A primeira coisa que desapareceu foi o próprio princípio de organização da vida monástica: as orações comuns diárias a horas fixas. A prioridade jesuíta era o empenho no trabalho de campo, o qual é completamente incompatível com a escravizante obrigação de voltar para o mosteiro todos os dias a horas fixas para a oração comum. As comunidades monásticas rezavam em conjunto todos os dias, várias vezes, a horas fixas. Os jesuítas de Loyola iriam combinar a oração com as suas obrigações de trabalho. Isso constitui um desvio radical do modo como as coisas tinham sido feitas no passado, um salto engenhoso e estratégico.

Anteriormente aos Jesuítas, as ordens religiosas restringiam frequentemente as suas missões a áreas específicas de serviços ou tipos de trabalho. Loyola inscreveu medidas amplas de actuação, como fazer viagens exploratórias, elaborar mapas ou investigar os astros. Em vez de especificar os campos que os jesuítas deveriam seguir, Loyola apenas os aconselhou a evitar ocupações que os prendessem ou limitassem a sua flexibilidade estratégica. Muitas vezes os noviciados incluíam peregrinações extensas e demoradas. A força combinada dos

Exercícios Espirituais e a peregrinação de um mês tinha um impacto muito mais profundo nos estagiários do que qualquer manual empresarial que incentivasse a flexibilidade e o engenho.

2. Rede de colégios jesuítas

Para se entender a relevância do Colégio da Bahia será decisivo conhecer os métodos de ensino dos Jesuítas e a rede em que esses métodos funcionavam, ou seja, as idiossincrasias encontradas nos diversos locais onde os Jesuítas se estabeleceram, mostrando que a Companhia de Jesus estava predestinada a dedicar-se ao apostolado da educação através de colégios e universidades. A fundamentação teórica de que os colégios tiveram na formação do Brasil e no sistema de ensino dos Jesuítas uma importância capital vem sendo observada desde os trabalhos de Serafim Leite, e é ponto de partida dessa tese¹⁴. Os colégios foram um dos principais instrumentos da missão evangelizadora dos Jesuítas, quer formando teológica e literariamente os seus membros, quer massificando o ensino¹⁵. A autora Beatriz Franzen frisa bem a importância dos colégios jesuítas na educação. Se originalmente foram criados para atender à formação dos jovens que entravam na Companhia, depois aceitaram leigos, transformando-se nas mais importantes instituições de ensino para as elites católicas da Europa¹⁶. Os colégios correspondem a exigências socio-históricas observadas por Petitot, que se refere a esse movimento de proliferação de Colégios que se dá a partir do século XVI na Europa, como um movimento de produção-reprodução de uma cultura geral distintiva¹⁷.

As ordens religiosas dedicadas à educação da juventude preocuparam-se desde muito cedo em proporcionar aos religiosos ocupados desse mister uma formação especial. No caso concreto dos Jesuítas, os colégios funcionaram como laboratórios onde se ensaiavam formas concretas de transmissão de conhecimentos e de moldagem de comportamentos que, mediante ajustes, transformações e modificações, durante pelo menos dois séculos, proporcionaram um acúmulo de saberes codificados acerca de como pode resultar mais eficazmente a ação educativa. Assim se fará a aparição de sua pedagogia e de seus especialistas no ensino¹⁸.

A ação educativa dos Jesuítas foi sobejamente importante, tendo em conta sua doutrina e seu projeto educativo¹⁹. As instituições que fundaram, dirigiram e fizeram proliferar estavam comprometidas com um ideário religioso cujo objetivo primordial era ganhar uma nova consciência dentro da Igreja Católica. No contexto histórico, o desenrolar da Reforma protestante e sua expansão na Europa levaram a uma tentativa de fortalecer as bases do Cristianismo romano nos reinos que haviam resistido às investidas do protestantismo,

como França, Espanha, Portugal, Itália. Essa será também uma missão a que os Jesuítas se propõem e os colégios serão o instrumento fundamental para alcançar tal objetivo.

O historiador José Eduardo Franco refere o envio dos Jesuítas para o Brasil como o envio de um grupo missionário de elite para prosseguir o escopo de luta contra o protestantismo²⁰. Conforme refere o autor, “Comprometidos com este ideário, os religiosos inacianos intuíram que o ensino seria, a longo prazo, um dos instrumentos mais adequados e eficazes para realizarem a sua missão de restaurar a alma da Igreja Católica e de conquistar novas almas para o redil cristão”²¹. Os colégios transformaram-se em ‘trincheiras católicas’, principalmente após o Concílio de Trento, fazendo dos Jesuítas “uma congregação ativa, munida de espiritualidade individualizante e linguagem guerreira”²². O objetivo dos Jesuítas era preparar seus alunos para diversos cargos, sobretudo cargos de poder, já que a educação faz parte de um processo distintivo na sociedade²³.

Os colégios estabelecem uma ligação importante entre a Europa e o Brasil, aquilo a que Paulo da Assunção chamou o ‘elo perdido’. Defende esse autor que no Brasil os Jesuítas realizavam a integração de dois universos culturais díspares, mesclando na prática da catequização duas culturas que diretamente se interagem, apresentando sua própria decodificação do Novo Mundo. Sendo assim, os Jesuítas e os demais colonos eram os elos privilegiados com a cultura europeia, totalmente ausente na terra dos brasis, sendo necessário construir ou reproduzir, em terras tropicais, os modelos europeus que serviriam como marcos transformadores e que simbolizariam a conquista: “A construção do domínio colonial português era, principalmente para o elemento inaciano, a busca do elo perdido localizado no outro lado do oceano”²⁴. Assim, considera-se que o Colégio funcionou como um instrumento, uma alavanca de evangelização e civilização colonial à luz dos valores europeus²⁵.

Em Portugal, desde a segunda metade do século XVI que os Jesuítas tentaram controlar o ensino das primeiras letras à juventude²⁶. Acerca da liderança e da política religiosa dos Jesuítas, Chris Lowney defende que a difusão do ensino foi também um dos aspectos mais importantes de sua atividade, cujas principais características foram a mobilidade, a rapidez, a imaginação e a flexibilidade²⁷. Beatriz Franzen defende que os Jesuítas preconizaram a difusão e a inovação do ensino, intentando sua abertura, criticando a idéia de uma sociedade estática em que o saber fosse monopólio de uma minoria²⁸. Não faltavam à Companhia os heróis contemporâneos para propor às novas gerações que enchiam os seus numerosos colégios. A leitura das Cartas Anuais que relatavam as peripécias de uma Igreja pioneira e missionária nas Américas, perseguida no Oriente, onde o martírio era uma

realidade muito próxima. A referência ao martírio nos próprios exercícios literários que envolviam a vida escolar dos colégios criavam o ambiente propício ao desejo de uma vida heróica, eventualmente através do martírio, de acordo com a longa tradição cristã da *imitatio sanctorum*²⁹.

Autores como Charles Boxer ou Dauril Alden problematizam analiticamente a forma de organização e de ação da Companhia de Jesus, observando-a como uma espécie de proto-multinacional moderna que antecipou em orgânica e métodos de gestão conceitos que guiam as empresas multinacionais contemporâneas³⁰.

3. Colégio da Bahia

Fazendo uma história resumida do Colégio da Bahia, em 1550 se iniciou o ‘Colégio dos Meninos de Jesus’, com a vinda de órfãos de Lisboa, aos quais se juntaram meninos índios. Estes meninos recebiam o curso regular de ler, escrever e de gramática, e os primeiros elementos do Latim. Alguns chegavam ao sacerdócio. A compra de materiais e de terrenos adjacentes foi facilitada por recomendação de D. Sebastião. As obras do Colégio não pararam mais, dada o seu rápido e efusivo crescimento³¹.

Em 1554, o rei D. João III recomenda ao governador Duarte da Costa a criação de um Colégio em Salvador, conforme, segundo o pedido dele, ao Colégio de Lisboa, que os Jesuítas têm em Santo Antão. Daí em diante, o Colégio tende a ser ampliado e reestruturado. Em 1564 foi determinado um subsídio anual destinado a formar outros Jesuítas, outros missionários para o Brasil, por isso era chamado de *Collegium Nostrorum*, Colégio dos Nossos, da Companhia de Jesus.

A compra de materiais e de terrenos adjacentes foi facilitada por recomendação de D. Sebastião. Em 1575 o rei mandava que se aplicasse ao Colégio a metade do dinheiro das comutações dos degredos. As obras do Colégio não pararam mais, dada o seu rápido e efusivo crescimento. Em 1583, o Colégio contava com uma comunidade de 60 membros, entre padres escolásticos, irmãos e noviços. Em 1590, o Colégio estava quase todo renovado. O novo edifício de escolas encontra-se estruturado e completo em 1694, nos últimos anos de vida do Padre Antônio Vieira, e assim se conservou até à expulsão dos Jesuítas da Bahia, em 1763.

Desde os primórdios que os padres se dedicaram à instrução de meninos e alguns deles chegaram a ser sacerdotes e missionários. Em 1564 foi determinado um subsídio anual destinado a formar outros Jesuítas, outros missionários para o Brasil. Nele havia o curso completo dos estudos daquele tempo: o Primário, que era a escola de ler e escrever,

praticamente ininterrupto ao longo de dois séculos. O Secundário (Gramática, Humanidades e Retórica). Havia também os cursos superiores ou acadêmicos de Filosofia (dito de Artes e Ciências), e o de Teologia. Em 1568 a Congregação provincial dos Jesuítas pediu a faculdade de iniciar oficialmente o Curso de Dialéctica. Começou, efectivamente, em 1572, e o Colégio da Bahia foi pioneiro no seu ensino, no Brasil. Todos estes cursos eram abertos e gratuitos, e o modelo de funcionamento era o do Real Colégio das Artes de Coimbra. Os alunos do Colégio da Bahia, sobretudo os dos Cursos Superiores, eram Jesuítas, mas também havia alunos externos.

O estudo do autor Fabricio Lyrio Santos sobre a expulsão dos Jesuítas da Bahia se refere ao Colégio da Bahia como uma célula-base da organização provincial e da estrutura local, tornando-se, devido a esses aspectos, o grande símbolo da presença jesuíta na Bahia colonial³².

A idéia de que o Colégio da Bahia é um centro de irradiação do poder colonial é fulcral para se entender a relevância da proposta desse trabalho, tendo em conta também que há uma lacuna na historiografia relativa à importância deste Colégio, nunca tendo sido feito um estudo sistemático e profundo acerca de sua importância na história dos Jesuítas e na historiografia luso-brasileira.

Os conteúdos formativos do Colégio, a sua organização, o ensino, a metodologia colocaram-no no mais alto nível pedagógico e cultural, com o perfil de exigência de uma Universidade, como aqui se defende. Carlo Brescianni publicou um artigo sobre o Colégio da Bahia no qual refere que na década de 80 do século XVII foram feitas tentativas no sentido de esse Colégio alcançar da Metrópole a elevação desses estudos superiores a Universidade. Várias vezes o Provincial padre Alexandre de Gusmão e o Governador apresentaram esta petição, todavia só conseguiram alcançar a autorização de conferir graus reconhecidos em Portugal³³.

O ensino no Colégio da Bahia teve em conta o projeto educativo e pedagógico dos Jesuítas, as doutrinas da *Ratio Studiorum* e a prática do *modus parisiensis*³⁴, uma metodologia praticada na Universidade de Paris. Seguindo as teorias pedagógicas humanistas, a *Ratio* regulamenta a ocupação de espaço e de tempo de forma rígida, impõe exercícios escritos constantes, níveis distintos de conteúdo, prémios, recompensas, etc. É suposto o aluno estar permanentemente ocupado e ativo. O processo de aprendizagem é competitivo e de emulação, sendo reforçado com debates e exames públicos, aos quais assistem as autoridades locais e as famílias dos colegiais. O mérito individual e o êxito escolar encontram aqui espaço, ao

contrário das Universidades medievais, onde o esforço individual obtinha recompensas imediatas e os escassos exames eram tão somente uma formalidade para os que assistiam aos cursos³⁵.

Nos colégios modernos, a partir do século XVI, passou-se a operar um novo recorte e organização dos saberes, que privilegiava “o aprendizado correto da gramática latina e grega” e o estudo dos autores da Antigüidade Clássica, em especial Cícero, considerado o modelo de clareza e de perfeição. Esta mudança pode ser verificada nas propostas educativas do pedagogo luterano Mélancton, no currículo dos colégios calvinistas e na *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus. Segundo Petitat, o destaque dado pelos colégios ao latim, ocorreu no momento em que esta língua deixou de ser utilizada nos negócios e na administração, mantendo-se, contudo, nas igrejas e nos círculos letrados universitários. Nos seus colégios, os padres jesuítas também operaram um recorte específico sobre os textos dos autores da Antigüidade Clássica, procurando despaganizá-los para ajudarem a incutir a fé católica tridentina. Petitat afirma que “os jesuítas truncam os textos e tomam parte ativa no surgimento de uma literatura de ‘trechos escolhidos’, a qual se presta admiravelmente bem aos múltiplos exercícios e ao aprendizado formal das línguas antigas.”³⁶ Os padres-professores buscavam afastar os seus alunos da literatura corrente na sua época, pontuada por críticas à Igreja Católica, advindas da conjunção das Reformas Religiosas e das guerras de religião. A ressignificação jesuítica da cultura da Antigüidade Clássica, depois de realizada nos colégios da Companhia de Jesus na segunda metade do século XVI, foi inscrita na *Ratio Studiorum*, que também tinha a função de homogeneizar conteúdos culturais³⁷.

Beatriz Franzen defende que, apesar de nunca ter sido elevado à condição de Universidade, na prática o Colégio da Bahia funcionava como tal, pois possuía quatro faculdades superiores e concedia graus académicos³⁸. Incitava-se também a que os alunos completassem seus estudos académicos em Portugal, atendendo-se à orientação do Colégio Ultramarino, que considerava que a dependência das colónias em relação à metrópole se sustentava na necessidade de ir estudar em Portugal. No século XVIII, nele foi fundada a Faculdade de Matemática, demonstrando que os Jesuítas, no Brasil, acompanhavam o desenvolvimento científico da época³⁹.

O fundamento do modelo de liderança da Companhia de Jesus é um instrumento universal para todos os jesuítas: os Exercícios Espirituais. Desenvolvidos por Inácio de Loyola, baseados no seu próprio caminho em busca de conhecimento pessoal e espiritual,

representam a síntese das práticas reflexivas mais eficazes no que se pode considerar um ‘manual de conhecimento’⁴⁰.

Conforme defende Norberto Dallabrida, as práticas disciplinares não-discursivas do Colégio, ou seja, a maquinaria escolar jesuítica prescrita na *Ratio Studiorum* é que põe em marcha o projeto educativo da Companhia de Jesus com sucesso⁴¹. A força da Companhia de Jesus reside por isso, em grande parte, no seu projeto pedagógico de ensino, na sua capacidade de expansão, mas acima de tudo numa base comum de atuação⁴².

Esse projeto formativo assenta no poder disciplinar. Foucault afirma que o poder funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismos que a nada ou ninguém escapa, funcionando como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada num lugar privilegiado ou exclusivo, mas que se dissemina por toda a estrutura social. O tipo de poder ao qual Foucault chama de poder disciplinar funciona como uma rede que atravessa as instituições, fabricando o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade⁴³. Conforme as teorias de Bourdieu, o trabalho pedagógico pelo qual se realiza a ação pedagógica dominante tem sempre uma função de sustentáculo da ordem, isto é, da reprodução da estrutura das relações de força⁴⁴.

4. Considerações finais

Se o Colégio da Bahia funcionou como uma universidade, nunca chegou, oficial e institucionalmente, a atingir esse título. Essa formulação abre a hipótese de estudo de que a dimensão e a qualidade do ensino no Colégio da Bahia o eleva a um patamar superior na rede de colégios portugueses, havendo uma dimensão comparativa entre o Colégio da Bahia e os outros colégios da América portuguesa⁴⁵, por um lado, e por outro, entre o Colégio da Bahia e os modelos universitários europeus, já que o Colégio adota o *modus parisiensis*⁴⁶ e segue os modelos de ensino da Universidade de Coimbra.

Para além da Companhia de Jesus, outras ordens atuavam no terreno, com as quais nem sempre os Jesuítas tiveram um relacionamento fácil ou pacífico na disputa pelo domínio do monopólio das instituições educativas. No decurso do século XVI e começo do século XVII, a ação de Franciscanos, de Carmelitas, de Beneditinos e, principalmente, de Jesuítas, conseguiu atenuar a incompetência dos clérigos seculares originários de Portugal. As ordens religiosas passaram a tomar conta da formação de religiosos. Os Jesuítas, chegados desde o começo da colonização, organizaram a evangelização e a educação por todo o litoral, de São

Vicente a Itamaracá. Nos séculos XVII e XVIII progrediram para o interior do país, até à sua expulsão. À medida que avançavam, os Jesuítas fundavam colégios, tornando-se estes centros de formação sacerdotal. Essa estrutura lentamente vai exercendo de modo duradouro uma ação contínua que assegura a sua própria reprodução⁴⁷. Também os Franciscanos, os Beneditinos e os Carmelitas cumpriram a mesma tarefa educativa, em grau menor, contudo, com vista à formação de novos sacerdotes⁴⁸.

Dois aspectos fundamentais circundam todo o estudo sobre o Colégio da Bahia: por um lado, a aposta dos Jesuítas no ensino e sua rede de colégios, claramente mobilizadas pela luta contra o protestantismo na Europa; por outro lado, a teoria do Quinto Império, que, assente na mesma idéia, ganha corpo em diversas obras, cartas e sermões de Vieira⁴⁹, pregados no Brasil, mas também em Portugal.

A Companhia de Jesus, cuja ação se estendia fundamentalmente para a universalização do Cristianismo. Nessa perspetiva se insere também a rede de colégios jesuítas. Para a Companhia de Jesus, a condução do gentio ao corpo místico da Igreja representa a mais alta finalidade das Descobertas. Todo o programa católico para o gentio indígena se monta com base na sua integração religiosa e jurídica da Igreja⁵⁰. Conscientes do seu perfil maleável, a Ordem de Santo Inácio percebeu que estava vocacionada para uma acção concertada em vários cenários de missão, investindo na formação intelectual dos seus membros, reinventando soluções para os novos desafios missionários que a modernidade lançou à Igreja.

Notas

¹LEITE, Serafim. **Breve História da Companhia de Jesus no Brasil. 1549-1760**. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1993. **Páginas de História do Brasil**. São Paulo-Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional. Vol. 93, Série 5.ª, 1937. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Vols. I-IX. Lisboa-Rio de Janeiro-São Paulo: Edições Loyola, 1938, 2004. **Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil (Assistência de Portugal). 1549-1760**. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1965.

²COUTO, Jorge. **A Construção do Brasil: Ameríndios, Portugueses e Africanos, do Início do Povoamento a Finais de Quinhentos**. 2.ª Ed. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

³BOXER, Charles R. **The Golden Age of Brazil. 1695-1750**. Berkeley-London: University of California Press/Cambridge University Press, 1962. **The Portuguese Seaborne Empire. 1415-1825**. London: Hutchinson & Co. (Publishers) LTD., 1969.

⁴FRANZEN, Beatriz. Os colégios jesuíticos no Brasil: educação e civilização na Colônia (1549-1759). In: **Brotéria**, Lisboa, 2002. N.º 155, pp. 69-91. **Os Jesuítas Portugueses e Espanhóis e sua Acção Missionária no Sul do Brasil e Paraguai (1580-1640): Um estudo comparativo**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1997.

⁵ALDEN, Dauril. **The Making of an Enterprise: The Society of Jesus in Portugal, its Empire, and Beyond (1540-1750)**. Standford, 1996.

⁶Dos padres jesuítas ligados ao Colégio da Bahia, contam-se, entre outros: o padre Francisco Dias, que veio ao Brasil como arquitecto, assumindo a direcção e execução de todas as obras do Colégio da Bahia; padre Cristóvão Gouveia, Visitador do Colégio; padre Fernão Cardim, reitor do Colégio de 1587 a 1592, autor de inúmeros relatos sobre o Colégio em **Tratados da Terra e da Gente do Brasil**; padre Vicente Rodrigues, que iniciou no

Colégio o Curso Primário; padre António Blasquez, primeiro mestre de Latim no Colégio da Bahia e cronista; padre Manuel Álvares, autor da famosa Gramática Latina; padre António Vieira, Visitador do Colégio, orador, pregador, autor de inúmeros sermões; padre Alexandre Gusmão, Provincial; Cláudio Aquaviva, Padre Geral; padre Quirício Caxa, Reitor do Colégio em 1576 e professor de Teologia Moral. Os professores do Colégio, caso de padre Domingos Ramos, padre Luís de Carvalho, padre Jerónimo Monis, padre Manuel Maciel, padre Eusébio de Matos, padre Francisco Ramos, padre Valentim Mendes, padre João Honorato, padre Luís de Barros.

⁷**Ibidem**, pp. 19 e 31.

⁸Vieira concebe uma idade milenar governada no plano espiritual pelo Papa, e no plano temporal pelo rei de Portugal, sentando-se em Lisboa com o estatuto de Imperador do Mundo, mas um imperador pacificador e promotor da comunhão entre as diversas raças humanas. Estas duas autoridades, pelas quais são repartidos os dois grandes tipos de poder, seriam as mediadoras de Cristo na Terra. (Cf. FRANCO, José Eduardo; MOURÃO, José Augusto. **A Influência de Joaquim Flora em Portugal e na Europa**: Escritos de Natália Correia sobre a Utopia da Idade Feminina do Espírito Santo. Lisboa: Roma Editora, 2005, p. 112).

⁹LOWNEY, Chris. **Liderança Heróica**. Tradução de Teresa Elói de Sousa. Lisboa: Verbo, 2006, p. 204.

¹⁰MURARO, Valmir. **Padre António Vieira: Retórica e Utopia**. Florianópolis: Insular, 2003, p. 323.

¹¹De acordo com António José Saraiva, estudioso da literatura e cultura portuguesas, Vieira desenvolve também o mito do Quinto Império, um mito positivo de configuração e expressão utópica de um Portugal eleito pelos céus, fundado no direito divino e protegido por Deus no cumprimento da sua missão especial no plano universal (SARAIVA, António José. **História e Utopia**: Estudos sobre Vieira. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992).

¹²FRANCO, José Eduardo. **O Mito dos Jesuítas**: em Portugal, no Brasil e no Oriente (séculos XVI a XX). Lisboa: Gradiva, 2006. Vol. I, p. 195.

¹³FRANCO, José Eduardo. Ideia de Portugal e de Europa no Pensamento Utópico de Vieira. In: **Isleña**. Funchal: Direcção Geral dos Assuntos Culturais, Julho/Dezembro de 2008. N.º 43, p. 71.

¹⁴LEITE, Serafim. **Páginas de História do Brasil**. Op. cit., p. 23.

¹⁵URBANO, Carlota. In: FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Entre a Selva e a Corte**: Novos Olhares sobre Vieira. Lisboa, Florianópolis: Esfera do Caos, 2009, p. 28.

¹⁶FRANZEN, Beatriz. Op. cit., pp. 69-70.

¹⁷PETITAT, André. **Production de l'École – Production de la Société**: Analyse Socio-Historique de Quelques Moments Décisifs de l'Évolution Scolaire en Occident. Genève: Librairie Droz, 1999, p. 116.

¹⁸ Cf. VARELA, Julia e ALVAREZ-URÍA, Fernando. La Maquinaria Escolar. In: **Arqueología de la Escuela**. Madrid: Ediciones Endymion, 1991, pp. 32 e ss.

¹⁹ Sobre a pedagogia jesuítica cf. DURKHEIM, Émile. **L'Évolution pédagogique en France**. Paris: PUF, 1969.

²⁰FRANCO, José Eduardo. **O Mito dos Jesuítas**. Op. cit. Vol. 1, p. 155.

²¹**Ibidem**, p. 274.

²²DALLABRIDA, Norberto. Moldar a Alma Plástica da Juventude: A *Ratio Studiorum* e a manufactura de sujeitos letrados e católicos. In: **Brotéria**. Lisboa, 2002. N.º 155, p. 451.

²³BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: Crítica Social do Julgamento. Tradução Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

²⁴ASSUNÇÃO, Paulo da. “**A Terra dos Brasis**”: A Natureza da América Portuguesa Vista pelos Primeiros Jesuítas (1549-1596). São Paulo: Annablume, 2001, pp. 63 e 79. Cf. também com a obra do mesmo autor **Negócios Jesuíticos**: O Cotidiano da Administração dos Bens Divinos. São Paulo: EDUSP, 2004, pp. 151 e ss.

²⁵Cf. ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Tradução Ruy Jungmann. Volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990.

²⁶Muitas vezes os jesuítas chocaram com o poder colonial instituído devido ao caráter hierarquizado e internacionalizado do seu ensino (Cf. COUTO, Jorge. **O Colégio dos Jesuítas do Recife e o Destino do Seu Património (1759-1777)**. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1990. Vol. I, p. 412).

²⁷LOWNEY, Chris. Op. cit., pp. 142-143.

²⁸FRANZEN, Beatriz. Op. cit., pp. 69-70.

²⁹URBANO, Carlota. Op. cit., p. 31.

³⁰Cf. ALDEN, Dauril. Op. cit.; BOXER, Charles. Op. cit.

³¹LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Vol.I. Op. cit., p. 53.

³²SANTOS, Fabricio Lyrio. **Te Deum Laudamus**: A Expulsão dos Jesuítas da Bahia (1758-1763). Salvador: Universidade Federal da Bahia/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2002, p. 27.

³³BRESCIANNI, Carlo, S.J. O antigo Colégio de Jesus na cidade de Salvador-Bahia. In: **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**. Salvador-Bahia. Janeiro/Dezembro 1997. N.º 93, p. 220. Ângela Xavier de Brito afirma que «Durante o período colonial a Metrópole é o ator hegemónico neste espaço de formação. Seu eixo principal se situava assim no exterior: com efeito, contrariamente à política cultural de Espanha, Portugal

era hostil à criação de qualquer forma de ensino superior no Brasil, considerando “um dos laços de dependência mais fortes” entre a sua única colônia latino-americana e a Metrópole “era justamente a necessidade de ter que vir estudar em Portugal”(…)» (Cf. BRITO, Ângela Xavier de. Construção do espaço de formação no Brasil. In: **Para uma História da Educação Colonial**. Organização de António Nóvoa *et alii*. Porto-Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1968, p. 168).

³⁴O *modus parisiensis* diferencia-se pelo fato de ensinar gramática sólida, graduar classes e cursos, implementar exercícios nas classes e individualizar o aluno. (Cf. DALLABRIDA, Norberto. **Op. cit.**, p. 452). Manuel Pereira Gomes diz que Inácio de Loyola se inspirou no *modus parisiensis* preferindo-o ao *modus italicus* de ensinar. As características deste método de ensino tinham a ver com o que era praticado na Universidade de Paris, onde os colégios estavam agregados à Universidade. A disciplina predominava, o currículo estava rigorosamente determinado e era percorrido por professores e alunos; as exercícios escolares que se seguem às aulas são frequentes; são formadas classes consoante o aproveitamento dos alunos; para cada classe está designado um professor; a matéria é rigorosamente ensinada; os alunos passam à classe seguinte após rigoroso exame; a convivência professor/aluno é familiar; o professor é solícito com o aproveitamento do aluno. (Cf. GOMES, Manuel Pereira. **Sto. Inácio e a Fundação de Colégios**. Gracos, 1996, p. 85).

³⁵VARELA, Julia e ALVAREZ-URÍA, Fernando. **Op. cit.**, p. 33.

³⁶PETITAT, André. **Op. cit.**, p. 82

³⁷DALLABRIDA, Norberto. Nascimento da escolarização moderna: cotejo de duas leituras. **PERSPECTIVA**. Florianópolis, v. 22, n. 01, p. 93-110, jan./jun. 2004, p. 98.

³⁸Uma universidade se define, aqui, por seu caráter de instituição oficial, fundada ou reconhecida por uma autoridade religiosa ou política. Cf. CHISTOPHE, Charle e VERGER, Jacques. **História das Universidades**. Tradução Elcio Fernandes. São Paulo: Editora UNESP, 1996, p. 44.

³⁹Cf. FRANZEN, Beatriz. **Op. cit.**, p. 80.

⁴⁰Os Colégios da Companhia de Jesus reconhecem como fonte essencial de inspiração a dinâmica dos **Exercícios Espirituais** de Santo Inácio de Loyola: disponibilidade para servir; capacidade de opção em ordem ao trabalho mais eficaz, mais necessário e mais urgente; atitude de «discernimento» orientada para a ação, numa constante auscultação da realidade e numa permanente revisão das próprias posições. (ARRUPE, Pedro, S.J. **Ideário dos Colégios da Companhia de Jesus**. Vila Nova de Famalicão, 1980).

⁴¹Nomeadamente com o controle do espaço e do tempo, a emulação, o sistema de premiação, os exercícios físicos e espirituais, bem como a exercitação permanente, que conduzia à ação regular, constante e obediente, transformando a massa de alunos num corpo discente ativo (Cf. DALLABRIDA, Norberto. **A Fabricação Escolar das Elites: O Ginásio Catarinense na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001, p. 30).

⁴²Como defende José Manuel Martins Lopes, torna-se urgente para os Jesuítas construir um método educativo e didático comum à enorme dispersão das suas iniciativas, capaz de realizar um tão vasto e ambicioso projeto formativo (LOPES, José Manuel Martins, S.J. **Ratio Studiorum**. Um modelo pedagógico. In: **Código Pedagógico dos Jesuítas: Ratio Studiorum** da Companhia de Jesus. Lisboa: Esfera do Caos, 2009, p. 37).

⁴³FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 10.^a Ed. Organização e Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992, pp. 16-17.

⁴⁴Cf. BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Tradução de C. Perdigão Gomes da Silva. Lisboa: Vega Editora. S.d., p. 65.

⁴⁵Para se ter idéia da rede da rede de ensino jesuíta, cito as seguintes instituições, fundadas desde 1560 e em funcionamento até à sua extinção, em meados do século XVIII. “ Colégios de Estudos Gerais ou pelo menos Cursos de Artes “: Real Colégio de Jesus, Bahia, 1560; Real Colégio de Santo Inácio, 1567; Real Colégio de Nossa Senhora da Graça, Olinda, 1573; Colégio de São Paulo (depois de Santo Inácio), São Paulo de Piratininga, 1554 (restaurado em 1653); Colégio de Jesus, Recife, 1678; Colégio de Nossa Senhora da Luz, São Luís do Maranhão, 1679; Colégio de Santo Alexandre, Belém do Pará, 1681. “ Colégios sem o Curso de Artes “: Colégio de São Miguel, Santos, 1653; Colégio de Santiago, Vitória, 1654; Colégio de São Gonçalo, Paraíba, depois de 1685; Colégio de Nossa Senhora da Assunção, Ilhéus, 1720; Colégio da Madre Deus, Vigia no Pará, 1732; Colégio de Nossa Senhora do Terço, Paranágua, 1752. “ Colégios em fase de consolidação “: Colégio de Salvador, Porto Seguro, 1611; Colégio de Nossa Senhora do Pilar, Taquitapera, 1716; Colégio de São Francisco Xavier, Colônia do Sacramento, 1717; Colégio de Nossa Senhora do Desterro, Desterro (Florianópolis), 1752. Além desses Colégios ou externatos gratuitos, mais os seguintes seminários foram construídos, ou seja, internatos: Seminário de Belém, Belém da Cachoeira (Bahia), 1686; Real Hospício de Aquiraz, Ceará, 1730; Seminário de Nossa Senhora das Missões, Belém do Pará, 1749; Seminário de Aldeias Altas, Caxias, no qual se fundiram os de Parnaíba, 1749; Seminário de Guanare e Simbaida, 1753. “ Para exclusiva formação de sacerdotes “: Seminário de Nossa Senhora da Conceição, Salvador (Bahia), em funcionamento no início de 1747; Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, Mariana, 1750; Seminário de São Luís, São Luís do Maranhão, 1753. “ Seminários anexos a Colégios “: - Seminário da Paraíba, 1745; Seminário de Paranágua, 1755;

Seminário de São Paulo, 1757. (SERRÃO, Joel e MARQUES, A.H. de Oliveira (Dir.). **Nova História da Expansão Portuguesa: O Império Luso-Brasileiro, 1620-1750**. Coordenado por Frédéric Mauro. Vol. VII. Lisboa: Editorial Estampa, 1991, p. 385.

⁴⁶O *modus parisiensis* diferencia-se pelo fato de ensinar gramática sólida, graduar classes e cursos, implementar exercícios nas classes e individualizar o aluno. Manuel Pereira Gomes diz que Inácio de Loyola se inspirou no *modus parisiensis* preferindo-o ao *modus italicus* de ensinar. As características deste método de ensino tinham a ver com o que era praticado na Universidade de Paris, onde os colégios estavam agregados à Universidade. A disciplina predominava, o currículo estava rigorosamente determinado e era percorrido por professores e alunos; as exercícios escolares que se seguem às aulas são frequentes; são formadas classes consoante o aproveitamento dos alunos; para cada classe está designado um professor; a matéria é rigorosamente ensinada; os alunos passam à classe seguinte após rigoroso exame; a convivência professor/aluno é familiar; o professor é solícito com o aproveitamento do aluno (Cf. GOMES, Manuel Pereira. **Op. cit.**, p. 85).

⁴⁷Do mesmo modo, batizar as populações indígenas faz parte da criação desse aparelho, tornando-os, na ótica dos Jesuítas, dotados de competência religiosa ('habitus' religioso) (BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Tradução Sergio Miceli (Org.), Sílvia de Almeida Prado, Sónia Miceli, Wilson Campus Vieira. São Paulo: Editora Perpectiva, 2007, p. 59.)

⁴⁸SERRÃO, Joel e MARQUES, A.H. de Oliveira (Dir.). **Op. cit.**, pp. 376-377.

⁴⁹VIEIRA, Antônio. **Sermões**. Organização e introdução de Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2001. VIEIRA, Antônio. 2008. **Cartas do Padre Antônio Vieira**. Vols. I e II. Coordenação e notas de João Lúcio de Azevedo. Prefácio de Alcir Pécora. São Paulo: Globo. Embora Vieira retrate toda essa questão em seus Sermões, duas obras de Vieira lançam as bases desta discussão: VIEIRA, Antônio. **História do Futuro**. Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982; VIEIRA, Antônio. **Clavis Prophetarum verum eorum sensum aperiens ad rectam Regni Christi in Terris Consumati intelligentium assequendam. Opus postum, ac desideratissimum a Collegio Bahiensi**, 1699. Ms. do IANTT, Conselho Geral do Santo Ofício, N.º 22. Utilizarei no trabalho a sua edição mais completa: **Clavis Prophetarum**. Edição crítica, fixação do texto, tradução, notas e glossário de Arnaldo do Espírito Santo; segundo projecto de Margarida Vieira Mendes. Tradução e revisão de João Pereira Gomes. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000.

⁵⁰PÉCORA, Alcir. "O Bom Selvagem e o Boçal: Argumentos de Vieira em torno à imagem do "índio boçal". In: FRANCO, José Eduardo (Coord.). **Op. cit.**, p. 50.